

**Rafael Azzi**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

## Arte, magia e linguagem

O trabalho procura apresentar um modelo pré-moderno de conhecimento, denominado por Michael Foucault como semelhanças e por Walter Benjamin como faculdade mimética. Esse modelo de conhecimento opera por similitudes e analogias, relacionando-se tanto à magia e quanto à linguagem artística. Com o desenvolvimento do modelo matemático-científico moderno, que predominou sobre outros modelos de conhecimento, a ideia de correspondência mimética passou a ser deixada de lado. De certa forma, o pensamento filosófico ocidental, operado pela questão da identidade e da não-contradição, fundamenta-se na unidade e indistinção do ser, que não deve ser assemelhado aos outros, mas devidamente identificado, individualizado e classificado. A linguagem moderna é linguagem matemática, dos números, lucros, produtividade. O que pode ser medido pode ser reproduzido, comparado e, finalmente, controlado. O objetivo da física moderna é o controle e a dominação da natureza. Assim, o que não pode ser medido não pode ser controlado e é assim descartado. A modernidade não exclui aquilo que não pode ser dito, mas aquilo que não pode ser medido, comparado e avaliado, ou seja, todo campo da experiência subjetiva. Uma experiência estética, por exemplo, está fora destes parâmetros de conhecimento por ser algo impreciso e imensurável. Desse modo, a questão da semelhança não se restringe aos domínios da magia do pensamento pré-moderno ou da metáfora do pensamento artístico, mas trata-se de outro modelo de pensamento. Um modelo que privilegia mais as relações que a individualidade. Um modelo posto em causa e retirado de cena pelo o desenvolvimento do pensamento moderno dominante.

---